



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO–UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

INSTITUTO VILLA-LOBOS

LICENCIATURA EM MÚSICA

INVESTIGANDO O PERFIL DO REGENTE CORAL
QUE ATUA SEM FORMAÇÃO ACADÊMICA

ALINE CAROLINA BLONDET BEZERRA

RIO DE JANEIRO

2021

Aline Carolina Blondet Bezerra

Investigando o perfil do regente coral que atua sem formação acadêmica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Villa-Lobos do Centro de Letras e Artes da UNIRIO, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Música sob a orientação do Professor Doutor Julio Moretzsohn.

Rio de Janeiro, 2021

CIP - Catalogação na Publicação

B Bezerra, Aline Carolina Blondet
B574i Investigando o perfil do regente coral que atua
sem formação acadêmica / Aline Carolina Blondet
Bezerra. -- Rio de Janeiro, 2021.
43 f. f.

Orientador: Julio Cesar Moretzsohn Rocha.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Música, Licenciado em Música, 2021.

1. Coro. 2. Regência coral. 3. Regente sem
formação acadêmica. 4. Iniciação à regência.. I.
Rocha, Julio Cesar Moretzsohn, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Letras e Artes - CLA Instituto Villa-Lobos - IVL
Curso de Licenciatura em Música

“INVESTIGANDO O PERFIL DO REGENTE CORAL
QUE ATUA SEM FORMAÇÃO ACADÊMICA”

por

ALINE CAROLINA BLONDET BEZERRA

BANCA EXAMINADORA

Professor Julio Cesar Moretzsohn Rocha (orientador)

Professor José Nunes Fernandes

Professora Joana Christina Brito de Azevedo

Nota : 10 (dez)

OUTUBRO DE 2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus, que me ajudou e me fortaleceu para que eu chegasse até aqui, a Ele eu dedico toda honra e glória!

Ao meu querido esposo Wellington e minha amada filha Geísa, que me apoiaram e me ajudaram em toda essa caminhada. Vocês são tudo para mim!

Ao meu pai e pastor Roberto, que sempre me incentivou e me ajudou para que esse sonho fosse realizado. À minha querida mãe (em memória) que foi minha inspiração e minha primeira referência na música.

Aos meus dezesseis irmãos, que me aturam nas reuniões familiares falando sempre de música. Amo vocês.

Agradeço ao meu querido orientador, Professor Doutor Julio Moretzsohn, por me conduzir tão bem nesse trabalho que é muito importante para mim.

Agradeço aos meus amigos que me deram abrigo em suas casas sempre que eu precisava e todos aqueles que sempre me ajudaram em oração.

Ao meu cunhado Ezequias pela parceria e por toda ajuda que me deu.

Aos meus queridos professores da UNIRIO, com quem aprendi muito e serão sempre uma referência para mim.

À minha querida Professora Flávia Coelho Rocha, que foi minha tutora e quem me mostrou o caminho para a realização desse sonho.

Agradeço também aos professores que deram aula na igreja em que congrego. Vocês fizeram parte do meu crescimento musical.

Agradeço à toda minha igreja da qual sou membro e ao coral que tenho a honra de reger. O meu desejo é que possamos continuar crescendo e aprendendo juntos!

BEZERRA, Aline Carolina Blondet. Rio de Janeiro, 2021. Investigando o perfil do regente coral que atua sem formação acadêmica. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

RESUMO

Tendo em vista a importância do papel do regente coral como educador, neste estudo abordamos a sua formação musical. Procuramos compreender o que é regência e levantamos a opinião de alguns professores de regência, através de bibliografia e entrevistas, para estabelecer os conteúdos considerados fundamentais na formação ideal deste profissional. Em seguida falamos de uma realidade brasileira, onde inúmeros regentes corais não têm acesso ao estudo acadêmico da regência. Nosso objetivo foi pesquisar o perfil desses profissionais que atuam nessa atividade e que reconhecem a existência de lacunas em suas formações. Através de entrevistas visamos entender como ocorreram seus estudos musicais e conhecer as competências que deveriam ser complementadas e são reconhecidas como ausências importantes. Uma compreensão aprofundada da realidade desse regente, visa contribuir para trabalhos futuros que apoiem uma formação complementar para este tipo de profissional.

Palavras-chave: coro, regência coral, regente sem formação acadêmica, iniciação à regência.

ABSTRACT

In view of the importance of the role of the choral conductor as an educator, in this study we address his musical training. We seek to understand what regency is and raise the opinion of some conducting teachers, through bibliography and interviews, to establish the contents considered based on the ideal training of this professional. Next, we talk about a Brazilian reality, where many choral conductors do not have access to the academic study of the regency. Our goal was to research the profile of these professionals who act in this activity and recognize the existence of gaps in their formations. Through interviews, we aim to understand how their musical studies occurred and to know the competencies that should be complemented and are recognized as important absences. A deep understanding of this regent reality, aims to contribute to future work that supports further training for this type of professional.

Keywords: choir, choral regency, regent without academic training, initiation to regency.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1. -Gráfico que informa a porcentagem de como o grupo de regentes indagados realizaram seus estudos musicais. p.27
- Figura 2. -Gráfico que informa a porcentagem do grau de instrução dos participantes..... p.28
- Figura 3. -Gráfico indicativo da faixa etária..... p.29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 – CONTEXTUALIZAÇÃO	11
1.1 Conceito de Regência	11
1.2 A formação do regente e sua função - Uma formação tradicional	13
2 – O REGENTE SEM FORMAÇÃO ACADÊMICA	18
2.1 Constatação de uma prática	18
2.2 Projetos para a complementação da formação de regentes corais	21
3 – ENTREVISTA COM REGENTES SEM FORMAÇÃO	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	36
ANEXOS	38
ANEXO 1 - Questionário dos participantes	38
ANEXO 2 - Questionário dos professores	39

INTRODUÇÃO

Minha primeira experiência com a música se deu na infância, quando assistia aos ensaios do coro e aulas de música que minha mãe ministrava, na igreja Obra da Restauração em Engenheiro Pedreira, Japeri, R.J. Na minha adolescência, saímos de Japeri e viemos morar na cidade de Vassouras, RJ e nos tornamos membros da Igreja Obra da Restauração nesta cidade. Ela tinha sido recém inaugurada e mais uma vez minha mãe assumiu a liderança musical dessa instituição. Isso ocorreu, pois ela era o membro que tinha um pouco de conhecimento de teoria musical e piano. Porém em regência, ela não tinha feito nenhum curso específico. Em 2002, ela veio a falecer precocemente e eu assumi essa responsabilidade, apesar do pequeno aprendizado na área musical.

Minha atuação como regente do coro, foi sem esse conhecimento, eu fazia os ensaios usando uma flauta doce. O pouco que eu sabia foi adquirido através da observação de aulas e ensaios que minha mãe fazia. Mais tarde, tivemos o apoio de alguns professores que a igreja contratava para dar aulas e ensaiar o grupo instrumental. Meu estudo formal se deu somente depois dos 24 anos, quando ganhei uma flauta transversal e fui estudar no projeto social da minha cidade, denominado Projeto de Integração pela Música (PIM). Por incentivo da Flávia Coelho, professora de flauta neste projeto, terminei os estudos da educação básica e fui estimulada a ingressar na faculdade.

Ingressei na UNIRIO em 2016 para realizar o Curso de Licenciatura em Música. Tive então a oportunidade de aprofundar meus estudos musicais. Desenvolvi um interesse em especial pelas disciplinas de Regência Coral, ministradas pelos Professores Doutores Julio Moretzsohn e Carlos Alberto Figueiredo. Paralelamente também pude estudar técnica vocal com o Prof. Flávio Mello.

Neste momento de escolher o tema para o meu Trabalho de Conclusão de Curso me lembrei das dificuldades de atuação como regente na adolescência, frente a todo conhecimento absorvido na UNIRIO, onde meu interesse por trabalhar com grupos corais cresceu ainda mais. Tive a oportunidade de refletir e perceber a grande importância desses saberes para que um regente possa desenvolver melhor seu trabalho frente a um coro.

Este trabalho foi elaborado em três capítulos. No primeiro capítulo fizemos um levantamento bibliográfico sobre os conhecimentos básicos considerados fundamentais na

formação de um regente coral. Para isso, pesquisamos livros de maestros renomados, dedicados ao assunto na língua portuguesa como Regência Coral de Oscar Zander, o capítulo Reflexões sobre aspectos da prática coral de Carlos Alberto Figueiredo no livro Ensaio: Olhares sobre a música coral brasileira organizado pelo maestro Eduardo Lakschevitz, artigos publicados na revista da ABEM de Rita de Cássia Fucci Amato entre outros.

No segundo capítulo aplicamos um questionário aos professores de regência coral que tiveram experiências na formação de regentes em diferentes lugares no Brasil e que comprovam a existência de uma grande quantidade de regentes corais que atuam nessa atividade sem terem tido a oportunidade de estudar formalmente. Em geral é comum encontrar esses regentes procurando participar de cursos complementares de curta duração oferecidos por algumas instituições públicas ou privadas como os painéis da FUNARTE, festivais de música e também conteúdos na internet.

No terceiro capítulo analisamos o resultado de uma pesquisa em que realizamos através de um questionário aplicado a regentes corais que se percebiam como fazendo parte desse grupo de profissionais que não tiveram acesso ao estudo formal de regência coral. Estabelecendo assim, um paralelo com as informações levantadas nos capítulos anteriores. A partir da minha experiência pessoal e no contato com esses regentes, buscamos pontuar dificuldades enfrentadas por suas lacunas de uma formação técnica “ideal”. Tivemos como objetivos identificar, refletir, analisar e descrever a performance de um regente sem formação, expondo as limitações e dificuldades de um regente em adquirir conhecimento básico, para uma atuação no âmbito do ensino informal. Acreditamos que essa pesquisa possa contribuir para futuros trabalhos que pretendam criar materiais didáticos e cursos de complementação para esses profissionais.

1 – CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1 Conceito de Regência

Emanuel Martinez define a regência, como um ato de transmitir o conteúdo rítmico e expressivo de uma obra musical. “O termo Regência provém da palavra latina *regentia*, a qual possui, entre outros significados, as seguintes definições: dirigir, conduzir, guiar, interpretar ou administrar.” (MARTINEZ, 2007)

Zander também define a regência como um ato de “dirigir, conduzir um grupo de executantes, músicos ou cantores, dentro de uma certa unidade musical, guiada pelos gestos das mãos, do corpo e, até certo ponto, por expressões fisionômicas.” (ZANDER, 1979, p. 16)

Com o passar dos tempos a ocupação de regente perpassou por diversos contextos. Zander nos fala da existência de documentos mais antigos que mostram dois modos fundamentais de marcação e direção. Sendo uma marcação ruidosa, batida ou então cantada, processo que se conservou até o século XVIII. E outra seria a marcação quironômica, que consiste na exteriorização do desenrolar rítmico e melódico através da mão, e, ocasionalmente, também acompanhada de movimentos da cabeça e até de todo o corpo. (ZANDER, 1979, p. 32)

Durante a Idade Média, a regência quironômica era utilizada na condução das melodias dos cantos litúrgicos, principalmente o canto gregoriano, através da articulação natural da palavra e do texto. Surgiu nesse período o mestre de capela, que era o sacerdote, responsável também pela direção do coro.

Dispunha seu coro em fileiras ao lado do altar e os conduzia com um báculo na mão direita. Este se reveste de hábito sacerdotal. O possuidor do báculo tinha os músicos à sua disposição. A simbologia espiritual do báculo mostra que cantar naquela época sob a direção daquele que o possuía não era uma atividade musical qualquer, mas um trabalho sagrado (GOMES, 2012 p. 8,9).

Ainda na Idade Média, Zander fala da dominação do cristianismo, que muitos elementos passam ao serviço da igreja. “assim, a música sacra tinha um lugar todo especial, de honra e privilegiado. Só no seu meio é que vamos encontrar o regente.” (ZANDER, 1979 p. 35).

Já abordando o período Barroco, Gomes detalha em sua tese, sobre o início das formações orquestrais, e é quando aparece definitivamente o regente orquestral. No entanto, ainda é distante do que chamamos regência moderna. A prática de regência na época, se utilizava da pulsação da unidade métrica e na marcação do tempo forte, dando lugar ao uso de um bastão que golpeava o chão. O objetivo dessa marcação era unificar a regularidade da execução em conjunto. Ele ainda cita um dos mais importantes maestros desse período, que foi Jean Baptiste Lully (1632-1687), italiano de nascimento, mas radicado na França e compositor na corte de Luís XIV. Colocou a orquestra à frente do palco e foi o primeiro a se posicionar diante dela com seu bastão, com o qual marcava o tempo e dirigia o grupo.

No Período Clássico, a orquestra começou a tomar forma semelhante à atual, a prática de bater com um bastão, criando um grande ruído, foi sendo abandonada aos poucos. Com a evolução na confecção de instrumentos, construiu-se um maior equilíbrio, maior afinação, precisão e a excelente possibilidade de diferenciar dinâmicas e articulações. Tendo em vista o crescimento das orquestras e a complexidade das obras, se tornava cada vez mais necessária a presença de alguém que liderasse os ensaios.

Inicia-se então período romântico, em que o costume agora passa a ser executar obras de outros compositores. Weber, Mendelssohn e Liszt são exemplos desse costume, pois regiam também obras de outros compositores, além das suas próprias. O regente se torna um especialista na interpretação da obra e não mais necessariamente o seu compositor. Depois do século XX, Gomes destaca o surgimento e evolução dos meios de comunicação, fazendo com que o regente busque por conhecimentos mais abrangentes.

É necessário uma ampla formação intelectual, o que incluía, além dos aspectos musicais — como harmonia, contraponto, história, estilos, articulações — conhecimentos de outros aspectos relativos às artes, literatura, musicologia e estética. (GOMES, 2012 p. 17).

Com a evolução de modo geral, a responsabilidade do regente cresce ainda mais. O aprofundamento de conhecimentos específicos torna-se necessário. Veremos a seguir, especificações necessárias para um regente.

1.2 A formação do regente e sua função - Uma formação tradicional

Quando falamos de um Regente Coral, existe a princípio, uma grande expectativa em relação a sua formação musical. Diversos autores chamam a atenção para o que seria fundamental nos estudos de um músico dedicado a essa função. Fucci Amato destaca os saberes musicais requisitados para o desempenho da regência coral.

Entendo que tais saberes-fazeres se conjugam à boa formação musical em disciplinas teóricas (teoria musical, solfejo, harmonia, contraponto etc.) e práticas (canto, piano, exercícios gestuais e outras matérias), que é urgida para o ofício da regência, a fim de se obterem resultados adequados, tanto do ponto de vista educacional ou sociocultural quanto sob o ângulo da qualidade performática. (FUCCI AMATO, 2008, p.16)

Além das competências didáticas para a realização do processo de ensino, a profissão do regente ainda exige habilidades técnico-musical, administrativo-organizacional e pedagógico-musical. Essas diversas habilidades são requeridas para a função de regente, com o objetivo de uma boa execução da performance musical. Percebemos ainda que o regente e coral acumula a função de educar musicalmente e vocalmente, com o intuito de elevar a qualidade vocal dos seus cantores e ampliar as possibilidades de execução do repertório.

Figueiredo defende que, para se tornar regente é imprescindível que este tenha uma boa formação musical, na qual possa ter desenvolvido a habilidade de solfejo e percepção musical, capacidade de análise musical e domínio de um instrumento e seja conhecedor da linguagem musical e dos demais aspectos que envolvem o fazer música. (FIGUEIREDO, 2006, p.5) Esse rol de conhecimentos e habilidades musicais alicerçam as concepções e metodologias do regente e o capacita para desenvolver seu trabalho. Ele ainda destaca que tradicionalmente um regente precisa saber: técnica de regência, formação vocal, percepção, línguas, arranjo vocal. Depois da pandemia: edição de áudio, edição de vídeo. (*Extrato da entrevista*)

A maestrina Katarine Araújo ainda chama a atenção para a importância do estudo de técnica vocal e saber tocar piano porque, em muitos casos, não há a presença de um pianista correpetidor para apoiar o grupo coral no aprendizado das vozes e no apoio harmônico. Ela menciona ainda que é fundamental o regente desenvolver uma capacidade de liderar o grupo, ser um bom comunicador, para conseguir expor com clareza suas propostas musicais. Destaca

também que o regente deve dominar a técnica gestual, para transmitir sua concepção ao dirigir uma obra. (*Extrato da entrevista*)

Para Rehder e Behlau as habilidades são ainda mais significativas. O regente precisa ser um líder e conduzir bem o seu coro, tendo como resultado uma produção musical de excelência.

A arte de dirigir um coro exige requisitos de cultura geral e qualidades especiais de liderança. Exige ainda, grande preparação musical e técnica, incluindo conhecimento amplo da voz sob os pontos de vista acústico, fisiológico e psicológico. (REHDER, BEHLAU: 2008 p. 1).

A professora Joana Azevedo afirma que um regente precisa instruir-se, para obter conhecimentos sobre música de maneira geral, treinar a escuta e o solfejo para desenvolver a leitura rítmica, melódica e afinação; estudar harmonia, história da música, formas, estilos e gêneros musicais, texturas, contraponto, enfim, ter um bom embasamento teórico. Além de: pesquisar o repertório coral; ter conhecimento de algumas línguas instrumentais, para poder ampliar o repertório, ter condições de saber pronunciar e traduzir os textos; saber tocar um instrumento harmônico; aprender e vivenciar técnicas de ensaio, técnicas de regência e técnicas vocais; cantar em coro; exercitar a liderança e a sociabilidade para organizar, instruir, sustentar o trabalho de grupo e incentivar seu crescimento; concluindo ela diz que a soma de todos esses aprendizados e experiências influenciará na escolha do repertório e interpretação do mesmo. (*Extrato da entrevista*)

A percepção musical é um dos pontos primordiais, pois é através dela, que o regente identifica o desempenho do coro quanto a afinação, ritmo, técnica vocal, dicção, articulação e dinâmica. Ao identificar algum deslize em um desses parâmetros ou padrão de qualidade abaixo do estabelecido, o regente deve fazer a intervenção, apontando estratégias para correção, podendo ser feita também com ajuda do grupo.

Complementando os conhecimentos musicais e teóricos descritos pelos autores acima, Lakschevitz afirma que “um regente precisa estar contextualizado com o seu tempo.” (*Extrato da entrevista*)

O regente precisa saber se adaptar às várias formações de grupos e situações com as quais trabalha. Como foi dito anteriormente pelo Carlos Alberto Figueiredo, que com a pandemia, foi preciso o aprendizado de outras habilidades para que os regentes conseguissem realizar seus trabalhos.

A técnica gestual é utilizada para a comunicação do regente com o coro, são utilizados sinais que fazem indicações do que o regente deseja que o coro reproduza. Os gestos são capazes de expressar nossas intenções musicais, cada vez mais precisos e universais.

Castiglioni considera não manter o foco somente no recurso gestual, pois seria desperdiçar o aprofundamento artístico proporcionado pelo tempo destinado ao ensaio. O ensaio precisa ter informações bem definidas, pois o gestual seria a complementação de todo o “aprendizado construído ao decorrer de horas dedicadas ao alcance de qualidade vocal do coro.” (CASTIGLIONI, 2016, p.4)

Para Figueiredo é preciso que o regente coral tenha “a capacidade de desenvolver a comunicação através dos gestos, a famosa técnica de regência”.

É verdade que podemos reger até com o pé e que nossos coros têm a capacidade de vir a entender qualquer gesto que venhamos a fazer, pelo continuado contato com seu regente, que, normalmente, é único. Porém, isso não significa que não possamos, e devamos, vir a aperfeiçoar a capacidade de expressão de nossas intenções musicais através de gestos, cada vez mais precisos e universais, ou seja que podem ser entendidos por todos, e expressivos, ou seja, carregados de intenções pessoais. (FIGUEIREDO, 2006, P. 6)

Sendo assim, para transmitir suas ideias e intenções musicais, os regentes se comunicam com seus músicos por meio de gestos manuais. Podendo-se utilizar de diversos sinais, como contato visual com os coristas. Normalmente nos ensaios são passadas instruções verbais que reforçam a intenção do gesto.

A técnica vocal também é extremamente necessária para qualquer coralista, porém a maioria dos componentes de coros amadores não possuem nem mesmo o conhecimento básico, aumentando assim a responsabilidade do regente. Alguns coros profissionais contam com um preparador vocal, que facilita o trabalho do regente. Porém essa realidade não é comum, principalmente em coros amadores.

Brandvik (1993 apud FERNANDES, KAYAMA, ÖSTERGREN: 2006 p.39) afirma que 95% dos cantores não estuda com professores de canto, ficando assim na incumbência do regente que é líder do coro da qual fazem parte esses cantores. Em um coro amador, o regente é considerado o único profissional do grupo, tendo ainda que exercer outras funções como as de pedagogo e preparador vocal. “Sua relação com a técnica vocal deve ser tão íntima quanto

sua relação com a técnica de regência e com o seu conhecimento musical geral.” (FERNANDES, KAYAMA, ÖSTERGREN: 2006 p.34,39).

Figueiredo concorda quando afirma:

Ao ter que lidar com vozes, é necessário que o regente coral experimente em si mesmo as várias técnicas existentes para uma emissão vocal consciente. Assim sendo, um estudo de técnica vocal individual, de preferência com um professor experiente e aberto a diferentes tendências, é absolutamente necessário. O desenvolvimento de uma didática para aplicação dessas técnicas para coralistas é uma necessidade decorrente inevitável, devendo o regente buscar subsídios para tal, acompanhando o trabalho de professores de técnica vocal ou outros regentes, na condução de exercícios com grupos. (FIGUEIREDO: 2006 p. 5,6)

Fernandes diz que preparar vocalmente um grupo de cantores amadores é uma tarefa árdua, exigindo do regente um bom conhecimento de técnica vocal. Ele argumenta que o desconhecimento da técnica vocal é um fator limitador do regente. Alertando que isso pode colocar em risco a saúde vocal de seus cantores e comprometendo a interpretação de uma obra pela falta de habilidades vocais por parte do coro. (FERNANDES, 2009 p. 198)

Figueiredo enfatiza que o regente coral trabalha principalmente com vozes, assim sendo, faz-se necessário que ele tenha consciência das vantagens da técnica vocal em si mesmo. Por isso, o autor ressalta que o estudo da técnica vocal com um professor de canto torna-se indispensável para que o regente construa uma didática na condução da técnica vocal dos seus grupos

O regente deve ter como didática o aprendizado da teoria musical dos seus cantores, para que a aquisição destes conhecimentos, os ensaios passem a ter um rendimento muito maior. Sendo assim, um bom regente precisa de vasto conhecimento de teoria musical para desempenhar sua função de maneira eficaz.

Dentro da teoria destacam-se alguns saberes primordiais para um regente. A harmonia, contraponto, técnicas de arranjo e composição, história da música. Tendo esses conhecimentos, o regente conseguirá extrair o máximo de qualidade sonora e musical do seu coro. Podemos aqui ter uma visão prévia de quão vasta é a formação de um regente.

Segundo Amato os conhecimentos musicais indispensáveis à direção de corais, conjugados a uma série de habilidades e competências, referentes não somente ao preparo técnico musical, mas também à gestão e condução de um conjunto de pessoas que buscam motivação, aprendizagem e convivência em um grupo social, permite uma abordagem dos

diversos aspectos do grupo, concretizando a aprendizagem musical, o desenvolvimento vocal, a integração e a inclusão social (FUCCI AMATO, 2007, p. 75).

A liderança também é a atribuição necessária no papel que um regente precisa para conduzir bem o seu grupo musical. A capacidade de liderar o grupo e motivar cada um de seus componentes, leva-os a uma vivência musical realmente proveitosa. “O saber agir também se constitui da capacidade de decisão do regente – na escolha de repertórios e locais de apresentação, na gestão dos problemas entre os coralistas – e de sua autoridade na liderança do processo de trabalho.” (FUCCI AMATO, 2008, p. 19).

O site Coro do Zero ¹ nos mostra um quadro onde podemos distinguir entre o Regente Autoritário x Regente Inovador. Podemos perceber que uma boa liderança traz benefícios para o grupo, pois um regente autoritário é distante do grupo, controla o comportamento das pessoas, sonega informações, não valoriza a educação geral do grupo, impõe suas ideias entre outros pontos negativos. Já um regente inovador, parte integrante da equipe, compartilha informações, estimula a equipe a atingir suas metas, valoriza a educação geral do grupo entre outros pontos que só trazem benefícios e crescimento para o coro.

Como podemos observar, as competências necessárias ao exercício da regência são diversas, e para tanto, os objetivos do regente devem estar alinhados com a performance do coral ou da orquestra. Franchini, em sua dissertação, discriminou os saberes dos regentes corais. Os saberes são apresentados por ela foram separados em intrínsecos e extrínsecos à música na listagem abaixo:

Saberes Intrínsecos

Saberes Curriculares – educação musical e gestual de regência

Saberes disciplinares – Percepção auditiva (treinamento, musical), solfejo, análise musical, harmonia, contraponto, leitura musical, história da música, mudança vocal e técnica vocal.

Saberes Extrínsecos

Saberes da Formação Profissional – pedagogia, didática;

Saberes Experienciais – motivação, liderança, clareza nos objetivos, clareza na expressão de pensamentos e ideias, afetividade/paciência/compreensão, talento;

Saber disciplinar/experiencial–planejamento e organização. (FRANCHINI, 2014, p. 52).

¹ CORO DO ZERO: Material de apoio para o regente. Disponível em: <https://www.corodozero.com/>

2 – O REGENTE SEM FORMAÇÃO ACADÊMICA

2.1 Constatação de uma prática

Apesar do que foi dito na seção anterior, encontramos no Brasil um grande número de músicos que atuam como regentes corais e que não atendem a todos os critérios descritos de uma formação ideal. Existem muitos grupos corais, que possuem à sua frente profissionais que não tiveram a oportunidade de realizar seus estudos com profundidade, para exercer todas suas funções com excelência.

Isso ocorre com uma certa frequência em muitas igrejas, principalmente no interior do Brasil. Nessas instituições, o coro é uma atividade que tem um papel fundamental dentro dos cultos pois, tradicionalmente, a música faz parte da liturgia. Por ser um ambiente de ensino informal, as pessoas que desenvolvem tais trabalhos, não precisam necessariamente ter uma formação acadêmica para desempenhar essa função. Por essa razão é possível encontramos um grande número de regentes corais que não têm uma formação ideal. SCHLEIFER chama a atenção para uma questão que considera problemática. Ela afirma que é comum encontramos corais amadores em escolas, clubes, igrejas, empresas, onde a participação dos cantores nesses grupos são uma forma de lazer. Em um grande número desses corais, a direção é realizada por regentes sem uma formação acadêmica ideal. A autora afirma que, por não possuírem suficiente preparação para esta função, podem “prejudicar por vezes os integrantes do coro, por seu desconhecimento sobre canto ou cuidados com a voz.” (SCHLEIFER: 2006, p.1)

Para termos uma confirmação da existência de um número representativo de regentes corais que atuam sem um estudo formal ideal no Brasil, realizei entrevistas com maestros renomados, que são professores na formação desses profissionais.

O professor doutor Carlos Alberto Figueiredo², que trabalhou por muitos anos nos Seminários de Música Pro-Arte e na Graduação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) ministrando as disciplinas Canto Coral, Regência Coral, Análise Musical e História da Música. Atualmente integra o Programa de Pós-Graduação em Música (PPGM) dessa mesma instituição, orientando pesquisas na área de Musicologia Histórica. Ele nos conta que atuou como professor em diversos cursos de férias e em eventos da FUNARTE.

² Informação extraída do site <http://cimus.musica.ufrj.br/index.php/speaker/carlos-alberto-figueiredo/> em 1 de setembro de 2021

Nessas situações encontrou muitos regentes corais sem uma formação acadêmica sólida, que buscavam complementar seus estudos, adquirindo conhecimentos específicos nessa área. Como exemplo da afirmação de Figueiredo, posso citar minha própria participação em um dos painéis de Regência Coral realizado pela Funarte. Em 2011 quando ainda não tinha ingressado na UNIRIO e participei do evento realizado na cidade de Vassouras (RJ), onde resido.

A maestrina Maria José Chevitarese³ atuou como professora Titular de Canto Coral da UFRJ e Diretora da Escola de Música da UFRJ. Ela desenvolve trabalhos na área de inclusão sociocultural através do canto coral e da música coral brasileira com foco principal nos séculos XX e XXI. É a idealizadora e regente do Coral Infantil da UFRJ, criado em 1989 e com grande reconhecimento nacional, e do coral Brasil Ensemble-UFRJ, criado em 1999, que se dedica especialmente aos compositores brasileiros. Chevitarese também afirma que muitas pessoas atuam como regentes corais no Brasil, sem uma formação adequada, não obtendo assim a qualidade desejada em seus trabalhos.

O professor Eduardo Lakschevitz,⁴ Doutor em Música pela UNIRIO e Mestre em Regência Coral pela Universidade de Missouri-Kansas City (EUA), na classe do Dr. Eph Ehly, foi premiado com o Graduate Achievement Award. Ele desenvolve pesquisas voltadas para a música comunitária, com ênfase em coros de empresa e na produção musical em ambientes corporativos. Fundou a ONG Oficina Coral, na qual coordenou dez edições do Curso Internacional de Regência Coral, publicou edições de música sacra brasileira e organizou o livro Ensaio: olhares sobre a música coral brasileira, agora em sua segunda edição, pela FUNARTE. Ele também afirma ter tido contato com muitos regentes que, por não terem condições de avançarem nos estudos formais por questões diversas, procuravam aprimorar seus conhecimentos através de cursos livres de curta duração.

A professora Katarine Araújo⁵ concorda com os maestros citados aqui anteriormente, mencionando que é bem comum termos regentes atuando sem formação acadêmica. Ela é natural de Goiânia – GO, Brasil, é licenciada em Educação Musical, habilitação em piano, e possui Mestrado em Performance / Regência Orquestral pela Universidade Federal de Goiás. Em São Paulo atuou como regente assistente no Coro da graduação da USP e na Orquestra

³ Informação extraída do site <https://ppgm.musica.ufrj.br/maria-jose-chevitarese/> em 1 de setembro de 2021

⁴ Informação extraída do site <http://www2.unirio.br/unirio/cla/ivl/professores/eduardo-lakschevitz> em 5 de setembro de 2021

⁵ Informação extraída do site <https://www.escavador.com/sobre/6761074/katarine-de-sousa-araujo> em 10 de setembro de 2021.

Acadêmica Mozarteum Brasileiro. Como regente convidada, esteve à frente de diversas orquestras profissionais e em orquestras de festivais. De 2018 a maio de 2020, atuou como professora substituta nas disciplinas das áreas de Regência Coral e Orquestral, Estágio em Música e Piano Complementar da Universidade Federal de Goiás. Atualmente, Katarine é professora voluntária na Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, e assumiu desde 2017, o cargo de regente titular do Coro Sinfônico de Goiânia, grupo pertencente à Orquestra Sinfônica de Goiânia, em que também atua como regente colaboradora.

A professora e maestrina Joana Azevedo ⁶atuou como professora da Escola de Música e Artes Cênicas da UFG, de 1994 a 2020 e desde abril de 2021 integra o quadro docente do Instituto Villa-Lobos da UNIRIO, onde atua nas áreas de Regência-Coral, Canto-Coral e Canto também foi uma das entrevistadas, ela confirma o que todos disseram anteriormente, que sim, isso é muito comum na área do canto coral. A professora Joana é Doutora em Práticas Interpretativas, Canto e Música de Câmara pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Mestre em Música na Contemporaneidade em Regência Coral e Bacharelado em Piano, amos pela UFG. Foi Vice-Presidente da ABRC – Associação Brasileira de Regentes de Coros. Sua experiência como Regente Coral abrange o trabalho com vários coros, que dentre eles se destacam o Coro de Câmara da UFG, o Coral da Graduação Matutino da UFG, o Coro Cênico da UFG e o Coral da Cidade.

Joana Azevedo cita alguns projetos importantes, trabalhos que ajudam regentes que necessitam de um maior conhecimento. Os Painéis de Regência Coral realizados pela FUNARTE como já citamos anteriormente, encontros de corais e de regentes promovidos por algumas associações de canto coral, como por exemplo a ARCI - Associação de Regentes e Corais infantis, que desde 1983 promove atividades que visam o aprimoramento e atualização do regente. Cita também alguns cursos de inverno e de verão, como CIVEBRA (Brasília), no mês de Janeiro, Festival de Música Colonial Brasileira de Juiz de Fora e Festival de Música de Fortaleza, no mês de julho, Festival Internacional de Música de Londrina, em dezembro, Festival Internacional de Música Belkiss S. Carneiro de Mendonça, da EMAC/UFG em Goiânia, dentre outros. Devido à pandemia, alguns sofreram alterações nas datas, que geralmente caíam em meses já determinados há muitos anos e foram realizados de forma on-line em 2020. Falaremos mais profundamente de alguns desses projetos mais a frente.

⁶ Informação extraída do site <http://www.unirio.br/proreitorias/cla/ivl/joana-azevedo-1> em 10 de setembro de 2021

A professora Cibele Sabioni ⁷, Mestre em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Lakschevitz e Bacharel em Piano, pela Universidade de Bauru com especialização em Havana – Cuba pós- graduada em Música de Câmara pela UNINTER sob a orientação do professor David Chew e formada em Regência Instrumental pelo Conservatório de Tatuí na classe do Prof. e maestro Dario Sotelo, Tutora On-line e colabora como mentora no projeto de Atividades Internacionais da ACDA, American Choral Directors Association, desde 2019, professora de Regência Coral no Conservatório Dramático e Musical de Tatuí “Dr. Carlos de Campos” e Regente do Coro Sinfônico Jovem, do Coro de Câmara e da Banda Sinfônica Sopra Mulheres da mesma instituição, onde também atuou como professora na área de Canto Coral de 2006 a 2018. Regent convidada pela UFMA -Universidade Federal do Maranhão - para fomentar e implantar o Coral da UFMA-Pinheiro em 2016, regente convidada participante do I Simpósio Internacional de Mulheres Regentes em São Paulo, 2016, pesquisadora selecionada para a comunicação do artigo “Em busca do perfil do regente de coro iniciante no Brasil” no IV SIMPOM –UNIRIO em 2016, Reside na Irlanda desde 2019, também fala da carência que alguns regentes têm em ampliar seus conhecimentos nessa área. Ela ainda nos contou que, em seu trabalho no Conservatório, onde trabalhou com vários coros e onde dava aulas de regência, recebia pessoas que queriam ter um conhecimento mais específico para trabalhar com coro, apesar de já terem conhecimento básico musical, mas que não se sentiam seguros o suficiente para liderarem coros em igrejas, comunidades e escolas.

2.2 Projetos para a complementação da formação de regentes corais

No intuito de complementar a formação de regentes corais, muitos projetos foram criados no Brasil. Apesar de existirem na internet uma grande quantidade de materiais, entre vídeos e apostilas, que pretendem dar conta dessa função, nem sempre é possível atestar sua qualidade. A título de exemplo, vamos falar de três projetos representativos que trouxeram e continuam trazendo contribuições importantes neste sentido.

⁷ Informação extraída do site <https://www.corodozero.com/sobrecibele> em 19 de setembro de 2021.

Os Painéis de Regência Coral da FUNARTE

A FUNARTE⁸ (Fundação Nacional de Artes) é um órgão do Governo Federal que foi criado em 1975, tendo como missão promover e incentivar a produção, a prática, o desenvolvimento e a difusão das artes no país.

Os Painéis de Regência Coral da Funarte, criados a partir de 1979, foram extremamente importantes para a atividade coral no Brasil. Sua criação atesta que a necessidade de uma complementação na formação de regentes corais já era observada na época. Eles foram uma das ações do Projeto Villa-Lobos, idealizados e realizados pela sua diretora, a maestra Elza Lakschevitz. Os painéis ofereciam cursos de seis dias de duração, onde os participantes podiam participar de aulas de técnica de regência, dinâmica de coro, técnica vocal e percepção musical.

Os Painéis Funarte de Regência Coral prolongam uma reconhecida atuação do antigo Instituto Nacional de Música, da Funarte, que, a partir de 1979, sob a direção de Elza Lakschevitz, iniciou um trabalho pioneiro de expansão e de aperfeiçoamento da prática coral em todo o Brasil, mediante a realização de cursos, concursos e edições de partituras. Desde o início, esse trabalho foi realizado com a colaboração de órgãos públicos e privados nas várias regiões do país. (FUNARTE, Painéis Funarte de Regência Coral, 3 de junho de 2011. Disponível em <<https://www.funarte.gov.br/musica/paineis-funarte-de-regencia-coral-2011-%E2%80%93-inscricoes-abertas/>> Acesso em 18 de setembro de 2021)

Observamos que sempre houve uma necessidade de um maior conhecimento para músicos que trabalham com coro. Hoje com a tecnologia avançada, o acesso às informações ficaram mais fáceis. Mas a Funarte já fazia um excelente trabalho levando informação e conhecimento dentro dessa área desde muito tempo. Mesmo sendo poucos os que conseguiram participar, os Painéis de Regência Coral foram de extrema importância para o desenvolvimento como um todo da música coral no Brasil, colocando em contato professores e estudantes de diversas regiões desse nosso país de dimensões continentais.

Projeto Coro do Zero

O projeto Coro do Zero é um site elaborado pela professora Cibele Sabioni, que surgiu através do desejo de trabalhar com pessoas sem formação em regência. Através de um questionário realizado com oitenta regentes de três regiões do Brasil, ela levantou os pontos e as lacunas importantes para que o seu website tivesse exatamente o que esses regentes

⁸ <https://www.funarte.gov.br/a-funarte/>

precisam. O site foi montado como o resultado final de seu mestrado no PROEMUS (Mestrado Profissional em Ensino das Práticas Musicais) na UNIRIO, sob a orientação do Professor Dr. Eduardo Lakschevitz.

O objetivo do site é dar apoio e suporte para regentes iniciantes que não possuem formação regular, disponibilizando tópicos como: planejar um coro online, preparação vocal com vídeos, respiração, saúde vocal, postura corporal, organização e escuta, uso do tempo, motivação e dicas para ensaio.

A ideia deste projeto não é oferecer receitas prontas, mas sim compartilhar um pouco da experiência de trabalho com coros e possibilitar que novas ideias surjam a partir destas sugestões. Futuramente, além de outros aspectos e exercícios relativos ao ensaio coral serão incluídos outros temas, como técnica gestual e análise de repertório.⁹

Certamente essa é uma contribuição importante, pois as informações básicas e detalhadas para dar início a um coro é fundamental para um regente. Inclusive o tópico motivação fala da liderança que citamos no primeiro capítulo, podendo trazer para esse regente a consciência e o desejo de avançar nessa busca pelo conhecimento. O site traz materiais que atendem às principais necessidades para o início do trabalho de um coro. Foi estruturado com base na vasta experiência da professora Cibele Sabioni e de outros profissionais, também em pesquisas que irão abastar o trabalho do coro iniciante e estão disponíveis gratuitamente.

Projeto Um novo olhar

Sabemos que cantar em coro traz benefícios como o estímulo à criatividade, a melhora da articulação da fala, a concentração, o desenvolvimento cognitivo e motor, a liberação dos hormônios do bem-estar, o exercício da memória, entre outros. E o projeto Um Novo Olhar: um projeto de arte e capacitação de professores e regentes, realiza seus trabalhos com inclusão das pessoas com alguma deficiência, alcançando assim, todos os tipos de indivíduos que querem fazer parte de um coro. O site traz apresentações musicais e performances de artistas com deficiência, vídeo aulas com tradução em libras e com detalhes de como é o lugar e a

⁹ (CORO DO ZERO, Material de apoio para o regente. Disponível em <<https://www.corodozero.com/>> Acesso em 19 de setembro de 2021)

pessoa que está apresentando. Também contém material de apoio, publicações sobre acessibilidade e a arte.

Um Novo Olhar foi desenvolvido em parceria pela Fundação Nacional de Artes – Funarte e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por meio da Escola de Música da Universidade, e disponibiliza oficinas de artes em geral, com ênfase nas artes visuais, online e em várias regiões do país. O projeto reúne capacitações em arte-educação e também em regência coral. A iniciativa faz parte do Programa Funarte de Toda Gente e seu objetivo do projeto é promover a inclusão e o acesso de crianças, jovens e adultos com algum tipo de deficiência. O projeto tem também o objetivo de ampliar a percepção de toda a sociedade sobre as deficiências, contando para isso com a exibição online de performances de artistas e vídeos podcasts (vodcasts) sobre arte e acessibilidade; e, também uma série de publicações.¹⁰

Sabendo da realidade de pessoas em várias cidades do Brasil que querem reger coros, porém têm limites dos conhecimentos necessários para a realização do mesmo, a professora Maria José Chevitaese pensou em fazer algo que pudesse contribuir para o crescimento desses regentes. Por ter visto tantas vezes nos cursos de canto coral que já ministrou pelo Brasil, a falta de acesso às informações necessárias, ela liderou trabalhos dentro do projeto Um Novo Olhar, parceria entre a FUNARTE e a UFRJ, trabalhos estes que viessem ao encontro às necessidades desses regentes. Foi então que surgiu a ideia da produção de um livro que será lançado em outubro de 2021, contendo vários assuntos escritos em parceria com outros profissionais. Foi escrito voltado para o coro infantil, mas com adaptações, também poderá ser utilizado como suporte para coro amador. Surgiu também a ideia de promover cursos presenciais, porém com a pandemia foram adaptados para o modo online, em que vídeo aulas foram postadas no site do projeto sobre os assuntos abordados no livro. Foram convidados também 12 compositores para que um repertório de certa facilidade fosse montado e também estará disponível com áudio guia e gravação da parte do piano no site do projeto.

O CIMUCI, Congresso Internacional de Música Coral Infanto-juvenil – Um Novo Olhar, foi feito de forma online, com palestras e oficinas, obtendo um grande alcance. O encontro contou com a participação de excelentes profissionais que compartilharam informações e conteúdos riquíssimos como: formação de regentes corais, muda vocal, captação de recursos e elaboração de congressos, preparação vocal, composição e arranjo, inclusão através do canto coral, seleção de repertório, entre outros, que com certeza foi de uma grande contribuição. Puderam contar com a parceria da ABRACO Associação Brasileira

¹⁰ (UM NOVO OLHAR, arte e capacitação de professores e regentes para a inclusão. Disponível em <<https://umnovoohar.art.br/projeto>>Acesso em 19 de setembro de 2021)

de Regentes de Coros e também com a ADICORA que é a Associação de Regentes de Corais Argentinos. A professora ainda afirma que os congressos continuarão acontecendo com atividades presenciais mas também de forma on-line para que continue alcançando o maior número possível de pessoas que precisam aumentar seu conhecimento na área da regência.

Projeto Tópicos de Regência

Com a internet ganhando cada vez mais espaço e com a adaptação que os professores estão fazendo em migrar suas aulas para o virtual, surgiram também oportunidades de maior aprendizado dentro dessa área com professores qualificados. Como exemplo disso podemos citar os trabalhos da professora Katarine Araújo, que em junho de 2020 criou o Projeto Tópicos de Regência, que divulga por meio de suas redes sociais, com conteúdos sobre o estudo de regência coral e orquestral. A partir deste projeto tem criado turmas de cursos on-line de regência, atendendo alunos, do Brasil e do exterior, de regiões que carecem de ensino de regência. Dentre os seus cursos principais estão a Mentoria TGZ (Técnica Gestual do Zero) em que fornece aulas gravadas de regência e encontros ao vivo on-line para aplicar a técnica ao repertório e o curso Escola de Regentes, em que recebe alunos que já regem mas nunca passaram pelo estudo formal de regência. Ao todo passaram mais 300 alunos pelos cursos online de regência

3 – ENTREVISTA COM REGENTES SEM FORMAÇÃO

Nos capítulos anteriores deste trabalho falamos da formação ideal do regente coral e, em oposição, da existência no Brasil de uma grande quantidade de profissionais que atuam nessa função sem uma formação acadêmica. Mostramos ainda a existência de diversas iniciativas e projetos que tem por objetivo complementar a formação desses regentes, trazendo os conteúdos considerados importantes no senso comum dos professores e dos maestros. Contudo, quase não encontramos pesquisas que discutam o percurso contrário. Isto é, que procurassem conhecer melhor o perfil desse regente que ingressou nesta atividade sem possibilidades de estudos aprofundados. O projeto Coro do Zero é o único que menciona um levantamento feito neste sentido.

Com o objetivo de contribuir para um melhor conhecimento do perfil de um grupo específico desses regentes, o presente estudo fez um levantamento por meio de um questionário realizado através da plataforma google meet e do aplicativo whatsapp, para a obtenção de certas informações de profissionais que atuam especificamente em igrejas. Acreditamos que esse grupo tenha características específicas que podem trazer informações interessantes.

A seguir faremos uma descrição das respostas obtidas em cada uma das perguntas, fazendo uma breve reflexão do resultado que reunimos em cada uma delas. Foram entrevistados 10 regentes membros de igrejas protestantes e católicas. Todos eles atuam como regentes corais e iniciaram sem formação acadêmica. Optamos por manter o anonimato de nossos entrevistados, por isso nomes de regentes ou de igrejas específicas não serão mencionados.

Pergunta nº 1

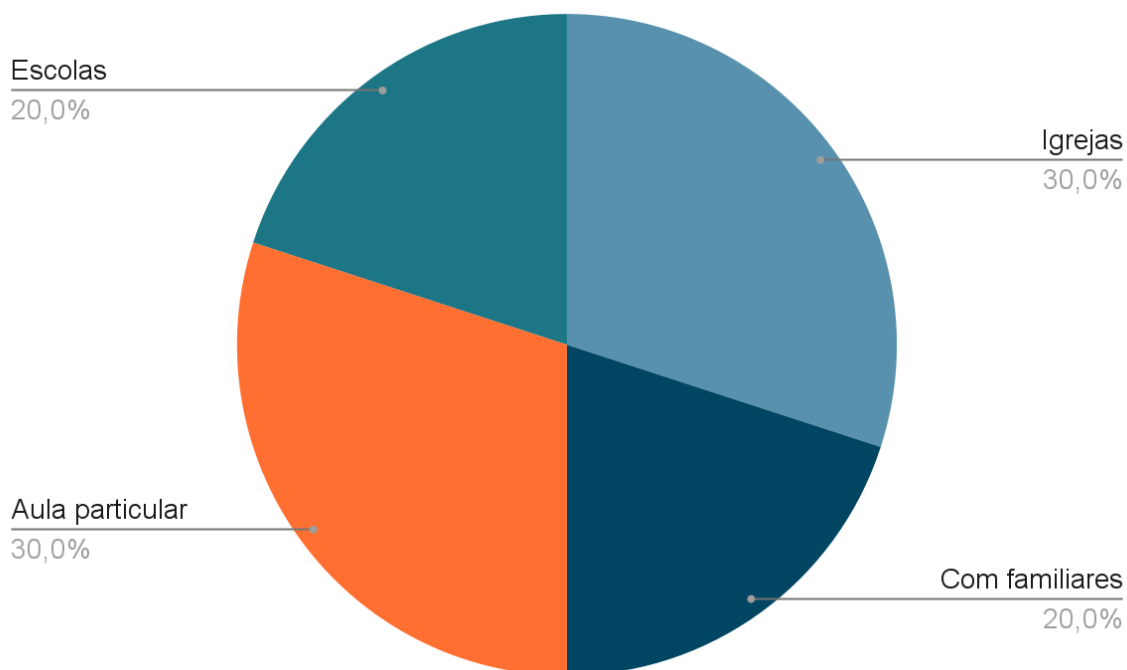
Na primeira pergunta, questionamos como foi o primeiro contato dos participantes com a área musical. Entre as respostas, a maioria dos entrevistados responderam ter tido seu primeiro contato em casa, por influência dos pais ou na igreja. Isso provavelmente ocorre, pois foram pessoas que cresceram participando de cultos, onde a música tem um papel fundamental, alguns com participação ativa cantando desde bem novos em grupos de louvor, o que despertou seu interesse pelos estudos e atividades musicais.

Pergunta nº 2

Nessa pergunta, pedimos que nos informassem quem os orientou no aprendizado musical. Uma parcela de 30% respondeu que foram orientados por pessoas que davam aulas em suas igrejas. Outros 30% estudaram com professores particulares. Uma porcentagem um pouco menor de entrevistados, de 20%, foram iniciados na música por seus familiares. Essa porcentagem de 20% se repete, se juntarmos os resultados daqueles que estudaram em escolas de música ou em projetos sociais.

É provável que muitos desses regentes tenham demonstrado um interesse maior ou uma predisposição para a atividade musical e foram encaminhados por seus pais ou responsáveis para outras opções de estudo, com o objetivo de aprofundarem seus conhecimentos dessa atividade.

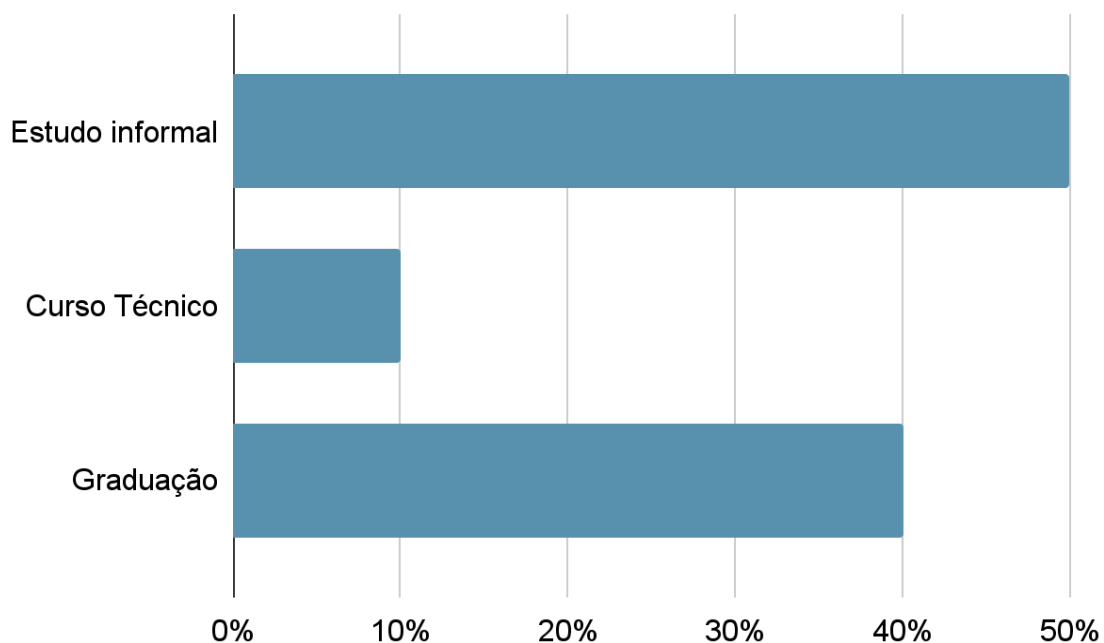
Figura 1 - Gráfico que informa a porcentagem de como o grupo de regentes indagados realizaram seus estudos musicais.



Pergunta nº 3

Perguntamos aqui se o entrevistado tinha aprendido a tocar algum instrumento. Em seguida pedimos que informassem qual ou quais seriam. Todos eles tiveram sua iniciação musical tocando um instrumento, sendo entre eles, os mais comuns: Violão, teclado, e flauta doce. Os outros se dividiram entre: Piano, clarinete, flauta transversal, bateria, violino, saxofone e euphonium. 50% deles, aprendeu mais de um instrumento, alguns por iniciarem bem novos aprenderam até 4 instrumentos diferentes. 50% iniciaram em somente 1 instrumento e com este realizavam seus ensaios, pois não tinham prática com o solfejo. Um dos participantes nos contou sobre a dificuldade de leitura das vozes femininas na clave de sol, por tocar um instrumento com leitura em clave de fá. Outro participante relatou que, por tocar instrumento transpositor, precisou se dedicar ao solfejo e aprender um pouco de teclado para conseguir ensaiar com mais facilidade. Podemos constatar as diversas dificuldades que esses regentes enfrentam. Nessa entrevista, 4 dos participantes seguiram com os estudos musicais, hoje estão na graduação onde tiveram o primeiro contato com aula formal de regência coral.

Figura 2 - Gráfico que informa a porcentagem do grau de instrução dos participantes.



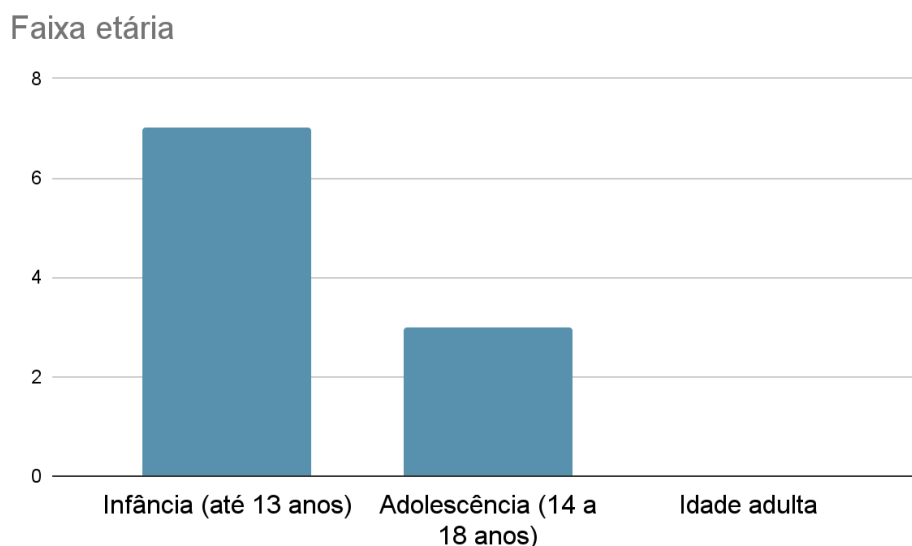
Pergunta nº 4

Na quarta pergunta, questionamos se nesse primeiro contato, o aprendizado se deu de “ouvido” ou se já tiveram contato com a leitura musical desde o início. (pauta / notas ou cifras) 80% dos entrevistados tiveram contato com a teoria musical, com leitura de notas e 20% iniciaram tocando com cifras e/ou de “ouvido”, mesclado posteriormente também com a leitura de notas. É interessante observarmos que a grande maioria dos entrevistados teve contato com a teoria musical desde o início de seus estudos. Mas que, para assumir a responsabilidade de reger um coro, sentiam necessidade de terem um conhecimento mais abrangente e específico.

Pergunta nº 5

Quinta pergunta: Em que faixa etária começou a estudar música? Para representar a resposta desta questão, utilizaremos um gráfico com o número de respostas das opções.

Figura 3 - Gráfico indicativo da faixa etária.



Reconhecemos aqui que a maioria dos entrevistados iniciou seus estudos na infância e a outra parte na adolescência. É muito provável que esta intimidade com a atividade musical desde cedo, foi o que lhes deu a segurança para se permitirem aceitar a possibilidade de assumir um grupo coral, mesmo sem um estudo acadêmico. Também devemos levar em conta, que assumir essa responsabilidade a maioria nos conta que ocorreu em um momento de necessidade, onde não havia um profissional para assumir esse posto dentro de sua igreja.

Pergunta nº 6

Você já havia participado de um grupo coral como cantor antes de se tornar regente?

Todos os entrevistados responderam que já haviam participado de um grupo coral previamente, antes de tomarem a decisão de se tornarem regentes.

Pergunta nº 7

A sétima pergunta, complementa a anterior. Questionamos em quais grupos e por quanto tempo eles participaram como coralistas. As respostas foram variadas, mas todos responderam que começaram cantando em corais das igrejas que frequentavam. E o tempo em que participaram antes de iniciarem suas atividades de regentes diversificaram entre 2 a 14 anos. Alguns participaram também de coros infantis antes de ingressarem no coro adulto.

Creio que a prática de cantar no coro criou uma certa familiaridade com a atividade. A observação de ensaios e do trabalho como um todo, os ajudou na iniciação do próprio trabalho.

Pergunta nº 8

Onde e quando surgiu a primeira oportunidade para atuar como regente coral?

Mais uma vez, a totalidade das respostas se deu em grupos e corais de fins religiosos. Os motivos que os levaram a assumir essa responsabilidade, na maioria das vezes, foi a falta do regente principal ou mudança para uma igreja de outro estado onde havia a necessidade de iniciar um coro. Perguntamos também em quais grupos corais eles atuaram como regente. Obtivemos como resposta diversos grupos, corais femininos, coro de jovens e adolescentes e coro adulto.

Podemos observar aqui, a necessidade de algumas igrejas em iniciar ou dar continuidade a um coro. Outro ponto importante é que mesmo tendo um regente principal, este não realiza o trabalho com outros grupos, como o grupo infantil, grupo de mulheres entre outros, que também necessitam de uma liderança, ficando assim ao encargo de outras pessoas que muitas vezes não tem uma experiência mais profunda para a realização do trabalho.

Pergunta nº 9

Perguntamos se tiveram alguma aula específica de regência antes de assumirem o coro. Alguns mencionaram ter tido orientações do regente que os antecederam, outros não tiveram nenhum contato com aulas específicas, outros só tiveram contato com aula de regência na graduação em música e agora, com a facilidade de conteúdos na internet, a maioria busca informações, como aulas gratuitas disponíveis na plataforma YouTube, e em outros sites, e alguns que fazem aulas de instrumentos musicais, buscam auxílio com seus professores em relação a dicas de atuação como regente.

Pergunta nº 10

Perguntamos também sobre as dificuldades enfrentadas por eles para conduzirem o coro e lacunas existentes em seus desempenhos como regentes. 50% dos entrevistados citou insegurança para liderar e em ter certeza de que estavam realizando o trabalho corretamente. Como afirma Amato no primeiro capítulo desse trabalho, essa é uma função fundamental, pois requer tomadas de decisões importantes. Observamos que a insegurança deles se deve ao fato de reconhecerem a escassez das informações necessárias.

Outros 40% chamam a atenção para assuntos relacionados à percepção musical, como: ouvir todas as vozes e identificar possíveis ajustes entre os naipes do coro e dificuldades com o solfejo. O domínio desses conteúdos são realmente fundamentais para a atividade da regência. Conciliando com o que foi dito no primeiro capítulo onde Figueiredo ressalta que esses são realmente pontos primordiais para o regente. Também citamos no primeiro capítulo o que a professora Joana Azevedo falou sobre a importância do solfejo para o desenvolvimento da leitura rítmica, melódica e afinação e também sobre o exercício da liderança como citamos anteriormente.

Alguns regentes mencionam ainda dificuldades com a parte do gestual. Esse também é um instrumental importante para o regente. É com ele que nos comunicamos visualmente com o grupo de cantores. Através do gesto é possível informar diversos parâmetros musicais, como o andamento, a dinâmica, o tipo de articulação, entre outros. Mas um regente experiente também deve ser capaz de transmitir sua interpretação de uma determinada obra. Por isso, complementar essa parte da formação desses regentes certamente seria fundamental.

Um conhecimento da parte teórica mais aprofundada também foi citada pelos participantes. Certamente esse é um conteúdo fundamental na formação de qualquer músico,

seja ele regente ou não. Contudo, é difícil identificar os conteúdos que seriam importantes para alguns e não para outros, já que não tiveram uma formação unificada. Acreditamos que uma pesquisa mais aprofundada neste item seria necessária para que um material de complementação sobre esse conteúdo fosse produzido.

Mais uma lacuna apontada por eles foi relacionada à técnica vocal. Uma das entrevistadas afirma: “creio que a técnica vocal seria uma das coisas que eu precisaria ter, para melhorar a sonoridade do coro.” Certamente um regente coral deve ter alguns conhecimentos básicos. No entanto, nem todos os regentes profissionais têm domínio absoluto nessa área. Muitos trabalham com a ajuda de um preparador vocal para auxiliar. Mas a menção desse conteúdo na pesquisa mostra que seria importante oferecê-lo em projetos que pretendem ajudar esses regentes em sua atuação prática.

Todos os entrevistados responderam desejarem ter formação complementar para o exercício da regência. Contudo, alguns mencionaram não possuir tempo e recursos disponíveis. Talvez eles desconheçam a existência dos projetos mencionados anteriormente nesta pesquisa, que tornam muitos desses conhecimentos acessíveis tanto na relação de espaço/tempo, como em termos financeiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos, inicialmente, estabelecer qual seria a formação musical ideal de um regente coral. Através de uma pesquisa bibliográfica e de entrevistas, levantamos algumas das principais capacidades que este profissional deve desenvolver. É certamente uma atividade bastante complexa e que exige um conhecimento e um domínio profundo de todos os parâmetros musicais e suas interações.

Para tanto, buscou-se delimitar um estudo contextualizado sobre o assunto, buscando descrever conceitualmente, as principais habilidades e competências inerentes a esse profissional, que incluem técnica gestual, técnica vocal, conhecimento teórico musical, percepção musical, conhecimento prático de instrumento, conhecimentos administrativos e de liderança, entre outras competências.

Contudo, dentro da realidade brasileira constatamos a existência de uma grande quantidade de regentes corais que atuam sem ter tido um estudo acadêmico para exercer essa profissão. Isso foi confirmado através de entrevistas com seis professores e maestros de renome que, em seu testemunho, nos falam que, para exercer a regência com excelência, é necessário ter um vasto conhecimento. Por outro lado, eles também reconhecem a existência de muitos profissionais que realizam seus trabalhos com um aprendizado musical restrito, que receberam dentro das condições possíveis de sua realidade social.

Pesquisamos então alguns projetos importantes que foram criados visando uma complementação da formação de regentes corais no Brasil. A própria existência desses projetos também comprova a existência desse profissional que não teve a oportunidade de realizar seus estudos em um ambiente acadêmico ideal. Talvez o mais tradicional e historicamente reconhecido sejam os Painéis de Regência Coral da FUNARTE, que foram criados no final da década de 1970. Nessa época não existiam os recursos tecnológicos atuais que facilitam o acesso à informação. Durante muitos anos eles foram uma oportunidade fundamental para a atividade coral no nosso país. Proporcionou o acesso ao conhecimento nessa área para regentes de diferentes regiões, até as mais remotas. Também criou a oportunidade de intercâmbio entre profissionais que, de outra maneira, nunca teriam se conhecido. Até hoje muitos regentes mencionam a riqueza que foi participar desses eventos. Como mencionei no trabalho, participei em uma nova versão do projeto, realizado na cidade de Vassouras, no ano de 2011, tendo a oportunidade de reger uma música no dia da

apresentação final. Para mim, foi uma experiência de grande valia poder receber feedbacks dos professores, acrescentando assim ao meu conhecimento.

Na pesquisa descobrimos que, mais recentemente, têm surgido outros projetos importantes, que utilizam a ferramenta da internet para divulgarem seus trabalhos. Selecionamos alguns que já tem um grande reconhecimento no meio coral: Coro do Zero, Um Novo Olhar e Tópicos de Regência. Todos eles trazem muitos conteúdos fundamentais para a formação de um regente coral. São trabalhos baseados na vasta experiência dos professores que os idealizaram, O Coro do Zero, por exemplo, foi elaborado depois de um amplo estudo sobre o perfil do regente iniciante, com o objetivo de se ter uma real clareza das necessidades dos regentes que não tiveram a oportunidade de frequentar uma universidade. Isto é, o que eles reconhecem como lacunas do seu conhecimento, nas atividades diárias nessa função.

Sendo assim, este trabalho buscou contribuir na pesquisa para o estabelecimento do perfil do regente coral que atua sem formação acadêmica, especialmente nos ambientes de igrejas. Escolhemos este grupo de profissionais pois, além de me reconhecer como alguém que vivenciou este tipo de situação, também convivo com muitos colegas que atuam nessa área em uma condição semelhante a da minha juventude. As igrejas, especialmente as que estão em menor número de membros, precisam muito de um profissional que atue como regente coral, pois essa atividade é imprescindível para a liturgia de cultos religiosos. Em uma situação de carência, aquelas pessoas que têm um pouco de estudo musical acabam assumindo essa função.

Nesse contexto, abordamos então, a atuação dos regentes que não possuem formação acadêmica procurando entender os motivos de sua atuação. Para isso, entrevistamos um grupo de dez regentes que não possuem formação acadêmica. Nosso objetivo foi evidenciar suas vivências e dificuldades cotidianas, trabalhando com coros em suas igrejas.

Outro fato muito importante associado à existência do grupo dos regentes corais estudados nessa pesquisa foi a aprovação da lei que tornava obrigatório o ensino de música nas escolas de educação básica no ano de 2008. Em consequência, houve o surgimento de uma grande demanda de professores para atuarem nessa função. Levando-se em consideração a situação brasileira, essa lei não obriga que os professores de música tenham uma formação acadêmica, pois não haveria profissionais com essas características para atender todas as escolas. Em muitos estados a legislação é flexível, permitindo que músicos sem formação

possam atuar como professores de música em escolas, bem como regentes de coro nestas instituições.

Desta forma, podemos considerar bastante razoável que esses regentes corais, que desenvolveram suas habilidades no universo de suas igrejas, também se tornam elegíveis para ocupar a função de professor de música em uma escola de ensino básico, seja ela pública ou particular. Nesse contexto, uma complementação de sua formação desse profissional se torna ainda mais importante, pois estamos falando da educação infantil e de uma escala muito maior de pessoas. Acreditamos ser importante mencionar que a ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical) tem contribuído criando ações e discussões relacionadas à prática da educação musical nas escolas. Em especial, para o congresso deste ano de 2021 foi criado o grupo de trabalho: Canto Coral: ensino, pesquisas e práticas em diferentes concepções e contextos. Isso é, certamente, o reflexo de uma necessidade reconhecidamente fundamental.

Não cabe a este trabalho julgar o profissionalismo destes músicos, tampouco avaliar o trabalho realizado por estes. Nosso objetivo foi traçar um diálogo, visto que muitos destes profissionais colaboram massivamente para a melhoria dos grupos sociais onde atuam. Mesmo sem possuir, muitas vezes, todas as competências aqui abordadas, ajudam na transformação crítica e social dos estudantes, contribuindo com a sociedade. Também pudemos comprovar que são pessoas preocupadas com suas lacunas de conhecimento e que estão em uma busca constante de complementação.

Acreditamos que essa pesquisa possa ser uma contribuição no sentido de conhecer melhor as lacunas de conhecimento descritas pelos próprios regentes e aquilo que apontam como necessidades que vivenciam no dia a dia do seu trabalho. Este trabalho pode ajudar novos pesquisadores e gestores de projetos a trabalhar com um conhecimento mais profundo desses profissionais. Atingindo assim seus objetivos de maneira mais plena e coerente com a realidade.

REFERÊNCIAS

- CASTIGLIONI, Paula. “Habilidades fundamentais para o regente de coro amador: pluralidade musical, liderança e consciência do coletivo.” UNICAMP – INSTITUTO DE ARTES SIMPOM: Teoria e Prática da Execução Musical.
- FERNANDES, A.; KAYAMA, A.; ÖSTERGREN, E. “O regente moderno e a construção da sonoridade coral...” *Per Musi*, Belo Horizonte, n.13, 2006, p.33-51.
- FERNANDES, Angelo José. “O regente e a construção da sonoridade coral: uma metodologia de preparo vocal para coros.” Tese (Doutorado em Música). Universidade estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- FIGUEIREDO, Carlos Alberto “et al. Reflexões sobre aspectos da prática coral.” In: LACKSCHEVITZ, Eduardo (Org.). “Ensaio: olhares sobre a música coral brasileira.” Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Música Coral, 2006, p. 3-49.
- FRANCHINI, Rogéria Tatiane Soares. “O regente como educador musical: saberes para a prática do canto coral com adolescentes.” Curitiba: Dissertação de Mestrado. PPGMUS/UFPR, 2014.
- FUCCI AMATO, Rita de Cássia. “Habilidades e competências na prática da regência coral: um estudo exploratório.” *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 19, 15-26, mar. 2008.
- FUCCI AMATO, Rita. “O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-música.” *Opus*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun. 2007.
- GOMES, Hermes Coelho. “O regente orquestral contemporâneo por uma visão contextualizada.” 2012. 282f. Tese (Doutorado em Música). Instituto de Artes da UNICAMP, Campinas. 2012.
- RAMOS, Marco Antonio da Silva. “O ensino da regência coral. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.” São Paulo: Centro de Estudos de Música Coral, 2003.
- REHDER, Maria Inês Beltrati Cornacchioni, BEHLAU, Mara Suzana. “Perfil vocal de regentes de coral do Estado de São Paulo.” *Rev CEFAC*, São Paulo, v.10, n.2, 206-217, abr-jun, 2008.
- SCHLEIFER, Tatiane Guimarães. “Regentes de corais evangélicos: Formação e educação vocal de coralistas.” Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP. Piracicaba, SP 2006.
- ZANDER, Oscar. “Regência Coral.” 3 Ed. Porto Alegre: Editora Movimento, 1979.

WEBGRAFIA

MARTINEZ, Emanuel. Regência. Técnicas de regência, 2007. Disponível em: <http://tecnicasderegencia.blogspot.com/2007/06/histria-da-regncia-orquestral-no-sculo.htm>

CORO DO ZERO, Material de apoio para o regente. Disponível em: <https://www.corodozero.com>

UM NOVO OLHAR, arte e capacitação de professores e regentes para a inclusão. Disponível em: <https://umnovoohar.art.br/projeto>

FUNARTE, Painéis Funarte de Regência Coral, 3 de junho de 2011. Disponível em: <https://www.funarte.gov.br/musica/paineis-funarte-de-regencia-coral-2011-%E2%80%93-inscricoes-abertas/>

ANEXOS

ANEXO 1 - Questionário dos participantes

1. Como começou a estudar música?
2. Quem lhe orientou nesse aprendizado:

familiares (quais)

Amigos

Escola de música

Escola

Aula particular

Banda

Autodidata

Outros

3. Você aprendeu a tocar algum instrumento? Qual (quais)?
4. Você aprendeu de ouvido ou teve contato com leitura musical? (pauta/notas ou cifras)
5. Em que faixa etária começou a estudar música:

Infância (até 13 anos)

Adolescência (14 anos a 18 anos)

Idade adulta (especificar)

6. Você já havia participado de um grupo coral como cantor antes de se tornar regente?
7. Se sim, em que grupos e durante quanto tempo?
8. Onde e quando surgiu a primeira oportunidade para atuar como regente coral?
9. Você fez algum curso ou aulas específicas para regência?
10. Quais as lacunas e desafios que enfrentou como regente iniciante?

ANEXO 2 - Questionário dos professores

1. Quando e onde atuou como professor de regência coral
2. O que acredita ser importante na formação de um regente coral?
3. Durante sua atuação como professor(a), você já teve contato com regentes corais sem uma formação acadêmica sólida? Que tenham estudado música em lugares de poucos recursos (com familiares, amigos, igrejas, projetos sociais) ou mesmo como autodidatas?
4. Você já participou do Painéis Funarte de Regência Coral?
5. Atuou como professor ou participante?
6. Conhece algum outro projeto, ou materiais que tenham sido criados voltado para complementar a formação desse profissional com lacunas na formação e sem acesso à universidade? Qual?